

Márcia Denser

Como você pensa a relação entre o tempo literário e o tempo histórico?

A mediação entre tempo literário e histórico é feita numa “faixa sintônica” – ou na sintonia – de vida e literatura, é aí que se dá a fusão de ambos.

Quer dizer, isto acontece se os fatos narrados ocorrem no presente, foi diferente quando escrevi meu romance *Caim*, cuja ação transcorre entre 1850 e 1979 e sempre se reporta ao passado (ainda que esta se apresenta “presentificada”, no diálogo, não só como raconto, no relato).

A subjetividade da escritora é particularmente sensível ao tempo histórico enquanto “espírito de época”, nele ela vive, sofre, ama, odeia etc. e a essência dessa vivência engendra o tempo literário. Ou melhor, quando essa vivência “se essencializa”, vira literatura.

Quais procedimentos sua obra adota diante de um mundo em que predominam a ação econômica e a espetacularização da arte?

Vou explicar o óbvio: um escritor ruim ao fazer a crítica de “hegemonia econômica” e “espetacularização da arte” corre o risco de datar o texto, contudo os contos da *Diana caçadora* já faziam essa crítica nos anos 1980 e permanecem atuais, porque são literatura, razão pela qual os maiores fãs e leitores da personagem Diana Marini são os jovens autores e autoras das novas gerações. Minha criação é crítica e vice-versa. A obra de arte cresce com o tempo, a obra menor desaparece. As minhas referências textuais ao histórico, passageiro, contingente, não se traduzem como citação, comentário, elemento descartável ou “a mais” dentro da composição literária – em ficção não se joga nem meia palavra fora – mas como estrutura estética.

Qual reflexão sua obra produz sobre a tradição literária brasileira?

Nos anos 1980, representou um avanço para uma literatura dita feminina e feminista no Brasil, uma vez que representa a mulher como sujeito da ação e não como objeto do homem e do texto do homem. Mas desde então, esse, digamos, rótulo, descolou – e novamente me reporto às considerações dos escritores da nova e novíssima geração – e sinto que sou considerada uma escritora que privilegia a linguagem. E como literariamente forma & conteúdo são indissociáveis, pode-se detonar qualquer revolução a partir daí, certo?

Como você pensa a forma literária?

Como indissociável do conteúdo, meu bem.

Márcia Denser (1954) é autora de *Tango fantasma* (Ateliê, 1977), *O animal dos motéis* (Civilização Brasileira/Massao Ohno Editores, 1981), *Muito prazer* (Record, 1982), *O prazer é todo meu* (Record, 1984), *Exercícios para o pecado* (Philoblibion, 1984), *Diana caçadora* (Ateliê, 1986), *A ponte das estrelas* (Best Seller, 1994) e *Toda prosa II: obra escolhida* (Record, 2008), entre outros.